

## Televisão e identidade cultural: como os sul-rio-grandenses se tornam gaúchos

Veneza Mayora Ronsini\*

JACKS, Nilda. *Querência: cultura regional como mediação simbólica*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

Estar na contramão de certos pontos de vista como, por exemplo, o da ‘desterritorialização da cultura’ é uma das muitas qualidades do livro de Nilda Jacks, por fazer reacender o debate generalizante que, muitas vezes, se configura em torno do tema. Aliás, os percursos da pesquisadora por São Paulo, México, Dinamarca ou Porto Alegre têm sido uma referência para a investigação de uma complicada tríade: cultura, identidade e televisão. *Querência* – originalmente sua tese de doutorado, defendida em 1993 na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – explora empiricamente os vínculos entre os três termos, ao descrever e interpretar o papel da televisão na construção de um imaginário regional que propaga valores, práticas e costumes nos quais os gaúchos se reconhecem. Contemplando imagens de si mesmos, negociando-as nos diferentes cenários onde transitam, eles se tornam gaúchos. Neste sentido, a publicação trata da complexidade que é a constituição social dos sujeitos e de suas ações no mundo contemporâneo.

Logo no primeiro capítulo, o quadro teórico da autora não só focaliza as pesquisas de recepção no amplo debate sobre as relações entre comunicação e cultura, a partir de autores tais como Martín-Barbero, Néstor Garcia Canclini, Renato Ortiz e Guillermo Orozco, como também nos lembra o quanto elas podem representar uma real inovação para as tendências teórico-metodológicas da pesquisa em comunicação. O cerne dessa aventura é evidenciar a constituição da identidade cultural – pelos meios de comunicação e para além deles – e a forma com que as pessoas se apropriam de uma cultura fortemente institucionalizada (pelo Centro de Tradições Gaúchas - CTG, pelo Estado, pela escola e pela família) como a cultura regional. A hipótese que norteia o trabalho é a de que a cultura gaúcha constitui a audiência e contribui para relativizar o efeito das mensagens televisivas.

Sob o ponto de vista da produção, o papel dos meios de comunicação nesse processo é comprovado com inúmeros exemplos de matérias, *charges* e editoriais publicados em jornais, programação estadual e local de emissoras de rádio e televisão, anúncios publicitários e propagandas, além de campanhas institucionais e projetos de caráter comunitário, histórico etc. Em relação à recepção da televisão, a autora realiza uma pesquisa qualitativa com famílias de estratos socioeconômicos baixo, médio e alto, em três fases distintas, recorrendo, para tanto, a técnicas de coleta como formulário, entrevista em profundidade e etnografia do espaço doméstico.

A interação dos receptores gaúchos com a televisão – no caso, a RBS TV/Santa Maria, uma das emissoras da Rede Brasil Sul de Comunicação que, por sua vez, se caracteriza por apresentar o maior índice de programação local dentre as afiliadas da Globo – é descrita num contexto que considera os hábitos e rotinas no meio urbano (com especial referência ao ambiente familiar e aos principais indicadores dos vínculos com a cultura gaúcha, como os hábitos de tomar chimarrão e comer churrasco), assim como o fato de se frequentar ou não o CTG, usar o linguajar característico ou aderir a certos valores.

A estratégia de Nilda Jacks é estudar a recepção da telenovela das oito (*Pedra sobre Pedra*, 1992, Rede Globo), explicitando os múltiplos fatores ou mediações a condicionar a relação entre texto e receptor. Entende-se por mediações “o conjunto de elementos que intervêm na estruturação, organização e reorganização da percepção da realidade em que está inserido o receptor” (p.48). A análise da recepção da novela consiste em captar a mediação da identidade regional, por intermédio

dos três traços básicos que o grupo de entrevistados usa para caracterizá-la, a saber: tradição, distinção e território. Isto é, ela evidencia o sentido que os receptores constroem a partir destes referenciais e, além disso, tenta estabelecer uma conexão entre as falas dos entrevistados e o universo cultural regional.

Vale ressaltar as duas conclusões do estudo acerca das relações entre televisão e cultura: a) a TV, dentre todas as mediações analisadas, tem papel decisivo no reforço da identidade gaúcha; b) “a identidade cultural borra as diferenças de classe, sexo, idade em situações em que estão em jogo aspectos que historicizam a inserção do receptor, como é o caso dos receptores gaúchos” (p.256).

O enfoque de Jacks afasta-se do enfoque de outras pesquisas de recepção que tentam comprovar a capacidade da audiência em resistir à ideologia dominante, mostrando a importância dos meios de comunicação de massa no Rio Grande do Sul para a produção e reprodução de uma imagem de gaúcho com grande ‘dose de positividade’. *Querência* enfatiza o poder da mídia sem diminuir a autonomia relativa da audiência.

A investigação de Jacks, por outro lado, sugere uma série de questões que devem ser levadas em conta neste tipo de investigação, das quais apontamos duas. Uma delas é a de que a telenovela configura-se como texto exemplar para o estudo da relação entre recepção e cultura pois, na visão de Mattelart, o gênero trabalha diretamente com o imaginário cultural do telespectador e, segundo Barbero, a telenovela oferece um campo crucial para a introdução de hábitos e valores. Sem dúvida, este é um argumento que pode vir a ser explorado em pesquisas futuras, pois aguça nossa curiosidade em sabermos se realmente haveria diferenças usar como pretexto, nas pesquisas de recepção nessa linha, outros gêneros televisuais como o telejornal, por exemplo, ou simplesmente, optar por considerar os programas televisivos de preferência da audiência. Neste último caso, os autores que defendem esse ponto de vista o fazem com base na idéia de que as pessoas vêem televisão e não um programa específico e é justamente o fluxo televisual que faz sentido para o receptor.

A outra questão diz respeito a um problema metodológico, levantado antes por Immacolata Lopes numa análise das pesquisas em comunicação: o seu caráter descritivo e a necessidade de uma interpretação ou explicação do fenômeno estudado. Com seu trabalho, Jacks apresenta um desses raros exemplos de pesquisas que costuram seus dados empíricos com um quadro teórico muito convincente, mostrando-nos que é preciso arriscar um pouco e apostar numa hierarquia dentre todas as mediações que interagem no processo de ver, usar e interpretar a televisão. A ousadia de Nilda nos poupa de saber o que já sabemos: o processo de recepção é complexo, pois nele intervêm inúmeros fatores.

\* Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Professora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria.